

É POSSÍVEL FILOSOFAR EM PORTUGUÊS: ENTRE PATATIVA DO ASSARÉ E MANFREDO ARAÚJO DE OLIVEIRA

Halwaro Carvalho Freire¹

Faculdade Católica de Fortaleza (FCF)

 <https://orcid.org/0000-0002-5954-8439>

E-mail: halwarocf@yahoo.com.br

Marcelo Feitoza Muniz²

Faculdade Católica de Fortaleza (FCF)

 <https://orcid.org/0000-0002-6925-8515>

E-mail: marcelofeitozamuniz2@gmail.com

RESUMO:

O seguinte artigo tem como objetivo traçar um diálogo entre a concepção de Ethos presente no poeta Patativa do Assaré e no pensamento do filósofo Manfredo Araújo de Oliveira. Da particularidade à universalidade, ambos os pensadores tematizam o Ethos social como característica intrínseca do sujeito. Patativa é um representante da poesia do panteão nordestino, enquanto Manfredo Oliveira, se destaca pelo poder de síntese e de análise dos principais problemas da História da Filosofia. Ambos os pensadores, nos mostram como é possível filosofar em português ou como é possível extrair da especificidade histórica os dilemas da complexidade humana. Este artigo, portanto, faz uma reflexão que parte da literatura popular ao pensamento filosófico nordestino, apresentado como fio condutor a Ética.

PALAVRAS-CHAVE: Ética; Ethos; Liberdade; Religião.

IT IS POSSIBLE TO PHILOSOPHY IN PORTUGUESE: BETWEEN PATATIVA DO ASSARÉ AND MANFREDO ARAÚJO DE OLIVEIRA

ABSTRACT:

The following article aims to draw a dialogue between the conception of Ethos present in the poet Patativa of the Assaré and the thought of the philosopher Manfredo Araújo de Oliveira. From the particularity to the universality, both thinkers theorize social ethos as an intrinsic characteristic of the subject. Patativa is a representative of the poetry of the Northeastern pantheon, while Manfredo Oliveira stands out for the power of synthesis and analysis of the main problems in the History of Philosophy. Both thinkers show us how it is possible to philosophize in Portuguese or how it is possible to extract from the historical specificity the dilemmas of human complexity. This article, therefore, makes a reflection that starts from the popular literature to the Northeastern philosophical thought, presented as a guiding thread to ethics.

KEYWORDS: Ethics; Ethos; Freedom; Religion.

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza – CE, Brasil. Professor e Coordenador do grupo de estudos História das Ideias Filosóficas do Brasil da Faculdade Católica de Fortaleza (FCF), Fortaleza – CE, Brasil.

² Graduação em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA), Crato – CE, Brasil. Graduação em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF), Fortaleza – CE, Brasil.

Introdução

Num primeiro momento, buscamos identificar os elementos de subjetividade e alteridade presentes nas teias literárias em forma de versos do poeta Antônio Gonçalves da Silva, conhecido como Patativa do Assaré. Este poeta, nascido aos 5 de Maio de 1909, na Serra de Santana, povoado da cidade Assaré, localizada no estado do Ceará, de escolaridade pouca, possui uma sabedoria de vida, um saber ético que emerge a partir e na sua relação com o mundo e com as pessoas. É no sertão que o mesmo constrói a sua poesia. É neste espaço em que Patativa, tomado por uma sensibilidade poética imensurável, enxerga em cada canto um “verso se bulir”, um verso que emerge como “semente em riba da terra”. Do seu solo, da sua Gaia que se entrelaça em uma relação de sensibilidade, de gozo de vida e se estampa nos rostos negados e esquecidos do sertanejo pobre, do imigrante, da menina Nanã, da menina mendiga, do agregado, e tantos outros que nas teias poéticas do bardo cearense seus rostos aparecem e apelam ao mesmo por sua responsabilidade Ética³

Assim, seus versos emergem e falam da terra, da Gaia e daqueles que nela habita. Sua poesia apresenta o sertanejo, o outro sofrido por um sistema que o explora, que nega aquilo que lhe é mais básico: as condições necessárias para a manutenção do seu gozo de vida. Sua poesia assume um caráter humanista e sensível ao outro, denunciando o abandono para com este. E, neste jogo, evidencia a necessidade de uma Ética da responsabilidade que seja capaz de sensibilizar-se com o rosto do outro.

Num segundo momento, exploramos a visão da necessidade de uma Ética com proporções universais destacada pelo filósofo cearense Manfredo Araújo de Oliveira. Partimos do prognóstico feito por Oliveira sobre a situação do homem contemporâneo e a partir disso, adentramos nas várias dimensões em que o filósofo insere o indivíduo, dando maior destaque para a esfera do Ethos social. Estabelecido o contexto e a temática central, emergimos na imprescindibilidade da liberdade como motor da história concreta e como possibilitadora do horizonte da infinitude humana, o que representa o caráter contraditório da mesma.

Finalizamos o trabalho com uma reflexão sobre o papel da experiência religiosa, como elemento da consciência absoluta, que propicia ao homem um mergulho dentro de si e, ao mesmo tempo, uma inserção da imprevisibilidade que marca sua existência e que é a força capaz de transformá-la.

1. O *ethos* sertanejo e a ética da responsabilidade na “*Po-Ética*” patativana

Se em sua origem o *Ethos*, na Grécia Clássica, era visto como a forma do homem viver e se organizar na Pólis, hoje, o *Ethos* incorpora novos lugares, novos espaços e novas dimensões de territórios marcados pelas especificidades de cada espaço⁴.

No caso de Patativa do Assaré, podemos falar de um *Ethos* Sertanejo. É uma sabedoria de vida e uma forma de ver o mundo que brota da terra ressequida da seca, de um solo rachado, que nasce “inriba” do chão, que faz pulsar em um grande rebuliço a vida do sertanejo neste espaço que é o seu templo sagrado, a sua Gaia que o acolhe e que ele vive sua intimidade e seu gozo. Nesse sentido, “o Ethos é o ponto de partida para compreender o fundamento do *Humanum*, ou seja,

³ Sobre isso ver em: ASSARÉ, Patativa do. *Cante lá que eu canto cá: Filosofia de um trovador nordestino*. Petrópolis: Vozes, 2014.

⁴ Segundo Lima Vaz (1999, p. 38) o Ethos pode ser compreendido em uma dimensão social e individual. Sendo, portanto, “uma realidade sócio-histórica. Mas só existe, concretamente, na práxis dos indivíduos; e é essa práxis que deixa seus traços nos documentos e testemunhos que nos permitem o acesso à fisionomia própria de um determinado ethos histórico”. Ver em: VAZ; Henrique C. de Lima. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica 1*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

ele é como o alicerce que sustenta o humano como fonte borbulhante e dinâmica, não-estática” (OLIVEIRA; BORGES, 2008, p.14). É o lugar de vida. É, neste sentido, a morada do homem.

O Sertão na poesia Patativana assume um lugar de destaque. Não se trata apenas de um cenário de fundo onde o poeta constrói sua própria narrativa, mas sim, podemos afirmar, que o sertão para Patativa pode ser compreendido como o *Oikos*⁵ de vida. É a casa do homem, do sertanejo, onde este vive e se relaciona com os outros. É o espaço de formação de sua própria subjetividade.

Na poesia de Patativa do Assaré o *Ethos* Sertanejo, enquanto uma morada do homem e lugar de intimidade é caracterizado por este poeta, segundo Plácido Cidade Nuvens (1995, p.40), como um espaço bonito, misterioso, luminoso e ardente por conta do sol que incide sua luminosidade com intensidade sobre o solo, um espaço de tradições, traz uma inocência estampada nas brincadeiras populares, um espaço de sofrimento, um espaço paradoxal, contraditório, vingativo, é fonte de inspiração, é solidário, é desconhecido, marcado por superstições, é desconfiado e conformado, é atraente, é paradisíaco, é silêncio, é nostálgico e é resistente. Trata-se de um conjunto de atributos que se manifestam na experiência de vida do sertanejo, narrado e testemunhado pelo poeta, tornando-se os tijolos edificadores dessa morada espiritual, marcada por um colorido de elementos e que formam a sabedoria de vida desse bardo sertanejo.

Patativa faz uma compreensão de mundo a partir da leitura experimentada pelo livro da vida. Seu livro traz um enredo cujas histórias são vividas pelos personagens viventes de uma realidade cruenta, dolorosa, miserável e sofridora. Patativa torna-se o testemunho participante e apresenta os outros esquecidos, desprezados, marginalizados e apagados do livro da vida elaborado pelos outros escritores. As páginas de seu livro são sombreadas pela dor da fome e pela casa espiritual furtada por um mesmo arrogante e orgulhoso que se fecha aos apelos e aos rostos suplicantes e cadavéricos de um sertanejo pobre.

Por isso, o Poeta testemunha em sua *Po-Ética*⁶ o seu rosto e o rosto do seu irmão, não no sentido de dizer o ser do rosto, mas apresentá-lo ao mesmo. Mostrá-lo e deixá-lo interpelado e intimidado pelo não cumprimento de sua responsabilidade pelo outro. Esta responsabilidade, que é uma defesa do outro, é algo fundante da existência humana, está inscrita no ser humano, afirma o poeta:

Ninguém vem contrariá
A mim, o Chico Braúna
Não precisa Deus mandá
Que a humanidade se una
Pois todos tem cunciência
Tem o dom da intiligência
Por direito e gratidão
Todos tem de obedecê
Cada um tem o devê
De defender seu irmão
(ASSARÉ, 2001, p. 91)

Nesse diálogo entre os personagens, o poeta reconhece a responsabilidade como um mandamento “Todos têm de obedecê”. Uma responsabilidade que não é fruto da escolha do

⁵ A expressão em Grego Οἶκος (Oikos), etimologicamente, significa habitação, casa, bens domésticos, família. ΟΙΚΟΣ. In. PEREIRA; Isidro. Dicionário Grego – Português e Português – Grego. Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 1976.

⁶ Esse uso da expressão “Po-Ética” separadamente neste trabalho pretende enfatizar a dimensão Ética no discurso poético de Patativa, afirmando, portanto, que na poesia, na poética há uma possibilidade de perceber e identificar a dimensão Ética esboçada pelo autor em discussão. Ver o termo em: OLIVEIRA, J.; BORGES, W. *Ética de Gaia: ensaios socioambiental*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 29.

mesmo, não é o mesmo que escolhe ser responsável pelo outro, mas ao existir já se torna responsável. Nesse sentido, a responsabilidade não é uma escolha, mas um mandamento Ético⁷.

A morte do outro é a sua anulação e a negação da sua subjetividade, pois ao matá-lo, o retira da vida e de uma relação de intersubjetividade com o mesmo. Nesse sentido, para Melo (2003, p.208), a impossibilidade Ética de não matar se estrutura por meio de uma ambiguidade, uma vez que, ao se afirmar não matar, o faz porque há, no ser humano, uma possibilidade real de matar o outro, uma vez que “a negação explícita do não-ser é já uma acusação do seu existir” (MELO, 2003, p.209). O matar o outro não é uma simples abstração hipotética e impossível, mas afirma-se o não matar, porque a anulação do outro pelo mesmo é uma possibilidade real. Essa possibilidade se dar porque o rosto do outro me interpela, coloca freios à minha subjetividade e ao meu egoísmo e exige de mim uma resposta. O interdito (não-matar) põe limites aos meus poderes, ao meu absolutamente eu e coloca-me como responsável por esse outro.

Essa responsabilidade Ética e a omissão do mesmo diante dos apelos do outro estão presentes no poema: *A Morte de Nanã*. Nele, uma menina, filha de um sertanejo agregado, em um cenário de seca o seu patrão fecha-se no seu egoísmo. Fecha as portas da sua casa para seu empregado e o deixa padecer. Como consequência dessa atitude, a morte dramática da menina. O que é interessante nesse poema é a figura do rosto. O rosto da filha, do pai e da mãe é o rosto do outro que apela e suplica ao patrão um comprometimento Ético, que os veja, que os percebe e que diga: Eis-me aqui! Esse abandono do outro pelo mesmo percebemos nos versos abaixo:

Por ali ninguém chegou,
Ninguém reparou nem viu
Aquela cena de horrô
Que rico nunca assistiu,
Só eu e minha muié,
Que ainda cheia de fé
Rezava pro Pai Eterno,
Dando suspiro maguado
Com o seu rosto moiado
Das águas do amô materno.
[...]
Naná foi, naquele dia,
A Jesus mostra seu riso
E omentá mais a quantia
Dos anjos do Paraíso.
Na minha imaginação,
Caço e acho expressão
Pra dizê como é que fico.
Pensando naquele adeus
E a culpa não é de Deus
A culpa é dos home rico
(ASSARÉ, 2014, p. 41/43).

Dentro dessa relação, a face da criança com fome é a face do outro que apela, a princípio, para os seus pais por comida. Os pais apelam ao seu patrão que, mediante o egoísmo, fecha as portas do seu *Oikos* para não ver o Outro. A face da mãe é emblemática, o rosto é molhado de lágrimas, as lágrimas do amor materno.

⁷ Esse mandamento também está presente, por exemplo, na ética kantiana. Na abertura do § 9 da Fundamentação, Kant aponta as ações conforme ao dever e executadas precisamente por dever. É esta ação por dever a única ação que pode apresentar um valor moral, isto é a única que pode manifestar os princípios de uma boa vontade. (KANT, 1980, p. 112). KANT, I. Fundamentação da metafísica dos costumes. Trad. Paulo Quintela. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

O poeta reconhece o culpado pela morte da menina Nanã, o seu patrão. Este, não foi capaz de sair de sua casa e atentar-se para o sofrimento e a dor vivenciada na casa do sertanejo. Uma cena que ninguém viu, ninguém assistiu, ninguém percebeu os rostos sofridos vividos na casa do outro. A omissão foi a responsável pela morte do outro. O patrão, nesse caso, omitiu-se diante do mandamento Ético: Não matar. Recusando-se assumir sua vocação de responsabilidade pelo outro.

Outro elemento de destaque nessa poesia é o apelo da mãe ao Divino Pai Eterno. O elemento da religiosidade aparece presente na cena. De acordo com Plácido Cidade Nuvens este aspecto elencado na *Po-Ética Patativana* trata-se da face de um humanismo cristão. Patativa constrói seu discurso *Po-Ético* a partir de uma Ética cristã, nela, os sentimentos de justiça, o desejo por uma igualdade e o sonho por dias melhores são trazidos na sua trajetória poética (NUVENS, 1995, p.18). Este Humanismo Cristão presente nos versos de Patativa do Assaré aproxima-se do Humanismo em Manfredo Oliveira. Em Oliveira⁸ a Ética da alteridade se dar ao resgatar o humano do homem, que se sustenta nas relações intersubjetivas. Este filósofo retoma um princípio básico da Ética: o amor pelo outro. Amar o próximo esse é o mandamento ético e, talvez, o motor das relações levantadas por Patativa do Assaré.

Nesse sentido, há, em Patativa uma aproximação da Ética com a Religião na formação de um humanismo em que o outro não é compreendido como um inimigo, mas como o meu libertador. O outro me leva a desprender-me do meu comodismo fossilizado pelas paredes do egoísmo e do egocentrismo e impulsiona-me a olhá-lo, a colocar-me disponível aos seus apelos, a tirar o único pedaço de pão da minha boca e dar ao próximo que pede porque está com fome. O outro é o meu mestre, aquele que me ensina e clama por minha resposta Ética (MELO, 2003, p.204).

Logo, nessa perspectiva, está presente no discurso *Po-Ético* de Patativa do Assaré o resgate do sentido do outro e a face do outro na construção de uma relação Ética. É o estatuto da alteridade que olha para o rosto do outro, nesse caso, não é um outro eu, mas é o pobre, a viúva, o órfão, o imigrante, o sertanejo, o agregado, o pobre, o mendigo e tantos outros que sofrem e padecem no anonimato, no esquecimento absoluto e no abandono total de um mesmo. Esse é o elemento fundante da construção *Po-Ética* de Patativa do Assaré que, embora não construa um sistema ético, toca em elementos de grande relevância para se pensar as relações de subjetividade e alteridade.

2. A problemática ética segundo Manfredo Oliveira

Entre vários temas que são trabalhados pelo filósofo cearense de Limoeiro do Norte, Manfredo Araújo de Oliveira⁹, a Ética aparece em destaque. Com uma percepção aguda da contemporaneidade, o filósofo em questão pensa a Ética como um campo que fundamenta a própria existência humana. Assim como em Patativa, a realidade humana, em seu contexto específico, é princípio para fundamentar e estabelecer os problemas que envolvem a Ética. É na análise do ser do homem, não apenas como interventor da natureza, mas naquele inserido nas tradições culturais, que Oliveira pensa essa dimensão fundamental do indivíduo (OLIVEIRA, 1988, 39).

⁸ Veremos isso no próximo tópico. Lançamos, neste momento, apenas um paralelo breve sobre o que discutiremos mais agudamente adiante.

⁹ Entre os temas: economia, política, educação, direito, ciência, lógica, tecnologia e etc. Para citar apenas alguns: OLIVEIRA, M. A. 2000. *Ética e Justiça num mundo globalizado*. *Veritas (Porto Alegre)*, 45(4), 547-572; OLIVEIRA, M. A. de. 2020. *A configuração ontológico-ética da economia*. *Sapere Aude*, 11(21), 11-48; *Os Desafios da Ética Contemporânea*. Kairós (Instituto Teológico-Pastoral do Ceará), v. 1, p. 9-31, 2009; OLIVEIRA, M. A. *Os dilemas éticos de uma economia de mercado*. *Tempo Presença*, v. 295, p. 14-16, 1997.

Ao analisar a nossa epocalidade, o filósofo afirma que esta é marcada pela problemática da Ética, ou da ciência do ético (OLIVEIRA, 2002, p.9). Não é possível pensar essa especificidade humana em nosso período sem a constatação de que estamos diante de uma crise. Afirma Oliveira:

A palavra crise transformou-se em categoria –chave para designar o que caracteriza nosso momento histórico: diferentes vozes, a partir de diferentes óticas, designam a atualidade de nossa vida societária como momento de crise profunda. Entre as dimensões básicas constitutivas dessa crise está, sem dúvida, [...] a crise de nosso ethos (OLIVEIRA, 2002, p.40).

Ora, essa reflexão de Manfredo nos empurra a pensar que estamos num contexto de ruptura ou transformação do ethos culturalmente transmitido, ou seja, do ethos que não tinha como eixo norteador na vida social o problema da técnica. Troca-se, assim, o ethos de que falava Patativa, por um ethos que busca não uma dimensão comunitária ou universal, mas uma auto-realização individual. A casa do sertanejo, onde este vive e se relaciona com os outros e que, para Patativa, era o espaço de formação da subjetividade deste homem, passa, na compreensão de Oliveira, para um outro nível no mundo contemporâneo, o do abandono do “particularismo de uma ética pensada para tornar possível a convivência de pequenos grupos para se situar clara e decididamente na perspectiva [...] do universalismo” (OLIVEIRA, 2002, p.41).

O novo ethos social, assim, passa a ser não mais a alteridade, mas justamente, o contrário, o individual. É criado assim, num processo, uma “mentalidade viciada pelo conformismo a essa situação, pela indiferença aos problemas maiores da sociedade, pela simples acomodação ao novo ethos cultural” (OLIVEIRA, 2002, p.41). Ora, a alteridade do ethos de que fala Patativa, aos poucos, vai sendo substituída por um particularismo, por um subjetivismo, em que o papel do outro passa a ser meio e não fim do ethos. A consequência imediata disto é a dificuldade cada vez maior da convivência e da relação dos indivíduos entre si. Com este cenário, a responsabilidade, que fala o poeta cearense Patativa, como um mandamento de “Todos têm de obedecê”; “Cada um tem o devê e defender seu irmão” fica cada vez mais distante, porém, cada vez mais essencial para uma nova configuração de ethos social humanizador.

Este ethos social contemporâneo carrega a convivência da miséria e da pobreza e aponta para o escândalo moral, aquele que faz do cultivo da própria individualidade o valor supremo¹⁰. Como afirma Oliveira, “está em jogo, aqui, uma totalidade de sentido, historicamente formada e socialmente mediada, que é condição de possibilidade do agir concreto do homem” (OLIVEIRA, 1988, p.39). Nessa perspectiva, cabe a reflexão ética que implica imediatamente a tarefa do “se fazer”. Esta tarefa, tem a história como ponto de partida. Ou seja, o que devemos fazer para ser diante dessa nova configuração do ethos social? Essa pergunta nos arranca da simples facticidade, uma vez que faz emergir a esfera do possível (OLIVEIRA, 2000, p.558). Deste modo, compreendemos que a possibilidade do perguntar, do julgar e da avaliação da situação histórica indica que há caminhos diferentes para a configuração de um ethos social que busque uma universalidade, que leve em consideração a alteridade na formação da subjetividade, como pensava Patativa, e que resguarde elementos de uma ética universalizante, como pensa Oliveira.

Há, portanto, um ethos utilitarista em oposição a um ethos comunitário. Esta divisão ou substituição constrói uma barreira no ethos e na valorização da alteridade que, como vimos, foi ressaltada por Patativa como instâncias essenciais de sentido da própria vida. Para os autores em questão, que têm como norte central o desenvolvimento e o envolvimento da alteridade no

¹⁰ OLIVEIRA, 2002, p.43. Afirma Oliveira: O ideal que agora cada vez mais se impõe é o de relações sociais baseadas em normas particularistas, restritas aos limites de um grupo cultural específico. Tudo o que pretende ir além disso emerge como repressão de valores autênticos. Daí a defesa da tese da multiplicidade de valores morais, já que eles são relativos aos contextos concretos nos quais o homem vive.

progresso de uma sociedade mais comunitária e livre, a busca de sentido, a partir destes termos, faz-se urgente. O obstáculo que se impõe de maneira imediata e paradoxal é: como conciliar valores morais de uma determinada região ou etnia com a necessidade de uma ética que busque valores universais? Para Oliveira, “Essa acumulação de crises provoca, em última análise, uma crise de motivação de vida, uma crise de sentido” (OLIVEIRA, 2002, p.45).

3. A experiência religiosa como experiência ética

Assim como em Patativa, a experiência religiosa para Oliveira se entrelaça com a experiência ética. A experiência religiosa aparece neste último filósofo como um aspecto inevitável do indivíduo: a transcendência. Como todo processo histórico concreto, em última instância, emerge da mediação não esgotante do processo indefinido de conquista da liberdade, a “história finita, é, assim, o processo de efetivação de um horizonte infinito” (OLIVEIRA, 1988, p.45). É percebendo esses limites da história, portanto, que o indivíduo a transcende.

Afirma Oliveira sobre a dimensão da experiência religiosa:

[...] a infinitude histórica, que é o homem, encontra na liberdade absoluta sua última condição de possibilidade de tal modo, que a religião, enquanto esforço de explicitação histórico-comunitária desta experiência, é a radicalização da própria experiência originante do homem enquanto experiência da exigência da liberdade solitária (OLIVEIRA, 1988, p.45).

Oliveira compreende, assim, que é por meio da experiência do absoluto que conseguimos “ultrapassar” ou “superar” a imanência da historicidade. Essa experiência envolve, necessariamente, como condição de possibilidade, a própria liberdade. A efetivação desta última exige um movimento contraditório uma vez que “exige a construção de mundos históricos”, que são sempre limitados, e, reivindica a transcendência permanente do homem sobre tais mundos históricos, “o que só é possível pela consciência de sua limitação, o que, por sua vez, é possibilitado pela consciência da liberdade absoluta, que, assim, emerge como possibilitadora do próprio processo histórico” (OLIVEIRA, 1988, p.46).

Estamos em condição, agora, de compreender o que Oliveira denomina de provisoriedade estrutural e consciência provocadora. É por termos a consciência do absoluto que pensamos a provisoriedade estrutural da vida humana. Ou seja, o mundo histórico como expressão perfeita ou efetivação plena da liberdade é impossível (OLIVEIRA, 1988, p.46). E é, neste sentido, que a consciência religiosa se torna uma consciência provocadora, pois ela faz emergir a possibilidade “alternativa de novas expressões possíveis do ser-homem a partir da consciência da impossibilidade de qualquer forma histórica da vida humana de garantir a realização definitiva do homem enquanto liberdade” (OLIVEIRA, 1988, p.47). Há, portanto, um processo indefinido de efetivação.

Podemos, assim, afirmar que, tanto para Patativa como para Oliveira, a religião se faz como parte indissociável do pensar humano. Afirma Patativa:

Deus é força infinita
É o espírito sagrado
Que tá vivendo e parpita
Em tudo que foi criado
Não há quem possa conta
É assunto que não dá
Pra se dizer no papé
Não insiste professô

Nem sábio, nem inscrito
Pra saber Deus cuma é.

Apenas se tem certeza
Que ele é santa verdade
E é subprime grandeza
Em bondade e divindade
(ASSARÉ, 2001, p. 88)

Deus só pode ser compreendido, segundo Patativa, nas relações éticas. A sua presença palpita, vive e encontra-se em tudo que foi por Ele criado. O que não se pode é fazer tematização lógica e conceitual sobre Deus, pois, é no rosto do outro e na relação de bondade e amor, reconhecendo-se enquanto responsável pelo outro, que a ideia de Deus é manifestada, não como conceito, mas como ação de amor e de bondade. É nesta relação que se dá o transcendente, neste caso, Deus. Ambos, o poeta e o filósofo, convergem para o caminho da finalidade humana voltado para o prisma da Ética. Ou seja, a experiência originária do indivíduo enquanto sujeito de liberdade é uma experiência ética perpassada pela experiência religiosa.

A análise do fenômeno religioso, transpassado pela ética, é um elemento indispensável para compreensão de uma sociedade. A religião aparece, assim, como espaço de articulação de sentido de vida (OLIVEIRA, 2013, p.366). É o aspecto religioso que resguarda, assim, o elemento sacral.

Afirma Oliveira (2013, p.368):

Considerando nossa história, podemos dizer que encontramos aí poderes sacrais. O sagrado é uma formação histórica no interior do religioso também ele histórico, uma vez que a religião é, antes de tudo e fundamentalmente, um modo de estruturação do espaço humano-social.

A experiência religiosa, portanto, está associada ao aspecto da transcendência humana. A religião se apresenta como heteronomia, uma vez que pressupõe uma divisão de dois mundos, porém, nega a autossuficiência da ordem finita. Nessa perspectiva: “o sagrado constitui o caso paradigmático em que heteronomia se encarna de forma sensível.” (OLIVEIRA, 2013, p.369).

Considerações finais

Compreendemos que a poesia e a filosofia se entrelaçam no debate da existência humana. A linguagem poética de Patativa do Assaré e a linguagem filosófica de Manfredo Oliveira, tratam, cada um da sua forma, do caráter complexo dos processos históricos, extraindo e tematizando dos mesmos, o que há de essencial, a transcendência humana.

Como ler os versos do poeta cearense e não reconhecê-los como reveladores das características originárias do ser humano? As circunstâncias do momento em que escreveu Patativa não o prendeu numa análise específica e contextual, o poeta foi além, extraiu de sua subjetividade e do seu apelo a realidade sertaneja, atributos essenciais da construção do próprio indivíduo. Uma voz sertaneja que fez-se letra, um poeta regional com aspirações universais, assim podemos caracterizar o pensamento de Patativa.

Na perspectiva de pensar o particular/indivíduo sob o prisma da universalidade, Manfredo Oliveira também nos coloca diante dos problemas da complexidade humana. Ressalta a necessidade de um novo ethos social, que não mire apenas o indivíduo, mas que seja voltado para dimensão emancipadora do homem. Nessa configuração, Oliveira nos coloca uma tarefa imprescindível, não apenas para a filosofia, mas para a sociedade. Ambos, o poeta e o filósofo, nos revelam o que há de mais essencial na humanidade, a transcendência.

Referências

- ASSARÉ, Patativa do. *Cante lá que eu canto cá: Filosofia de um trovador nordestino*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- ASSARÉ, Patativa do. *Ispinho e Fulô*. Fortaleza: Hedra, 2001.
- ASSARÉ, Patativa do. *Inspiração Nordestina: cantos de Patativa*. São Paulo, Hedra, 2003.
- BRITO, Antônio Iranildo Alves de. *Patativa do Assaré: porta-voz de um povo: as marcas do Sagrado em sua obra*. São Paulo: Paulus, 2010.
- MELO; Nélio Vieira de. *A Ética da Alteridade em Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- NUVENS, Plácido Cidade. *Patativa e o Universo Fascinante do Sertão*. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 1995.
- ΟΪΚΟΣ. In. PEREIRA; Isidro. *Dicionário Grego – Português e Português – Grego*. Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 1976.
- OLIVEIRA; Manfredo Araújo de. *A religião na sociedade urbana e pluralista*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2013.
- OLIVEIRA; Manfredo Araújo de. *Ética e religião*. Síntese Nova Fase, v. 43, p. 39-54, 1988.
- OLIVEIRA; Manfredo Araújo de. *Ética e racionalidade moderna*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- OLIVEIRA; Manfredo Araújo de. *Ética e justiça num mundo globalizado*. Veritas, v. 45, n.n.4, p. 547-572, 2000.
- OLIVEIRA; Manfredo Araújo de. *Ética e sociabilidade*. 2ª. ed. São Paulo-SP: Loyola, 1997.
- OLIVEIRA, J.; BORGES, W. *Ética de Gaia: ensaios socioambiental*. São Paulo: Paulus, 2008.
- KANT, I. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Trad. Paulo Quintela. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- VAZ; Henrique C. de Lima. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica 1*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

Contribuição dos(as) autores(as) / Author's Contributions: Halwaro Carvalho Freire e Marcelo Feitoza Muniz, participaram da pesquisa, discussão e redação do artigo. Ambos aceitaram e aprovaram a versão final do texto.

Autor(a) para correspondência / Corresponding author: Halwaro Carvalho Freire: Rua Elizeu Oria 1760, Bairro José de Alencar. Fortaleza – CE, Brasil. halwarocf@yahoo.com.br